

Consumo

Amigo da cesta básica

Tomate, que já foi vilão da cesta básica, tem colheita favorecida pelo calor e preços baixam

ELENI DESTRO
Especial para a Gazeta

O vilão da cesta básica nos primeiros meses de 2013, quando o quilo ultrapassou os R\$ 9 em Piracicaba, e também em 2014, com preços de até R\$ 7, o tomate agora é uma opção barata para os consumidores. Em alguns supermercados, custa R\$ 1,99. Enquanto isso, quem gosta de pimentão vermelho e vagem, por exemplo, deve substituir, pelo menos por enquanto, esses legumes, já que o primeiro chega a custar R\$ 12,99 e a segunda, R\$ 11,90.

De acordo com informações do Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada), da Esalq/USP (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz/Universidade de São Paulo), a baixa nos preços do tomate - que oscilam diariamente - se dá devido à colheita em São José de Ubá (RJ), Venda Nova do Imigrante (ES), Mogi Guaçu (SP), Chapada Diamantina (BA) e Araguari (MG).

João Paulo Bernardes Deleo, pesquisador do Cepea, conta que o preço muito elevado este ano ocorreu na safra do verão e o mais baixo, notado agora, é da safra de inverno, que foi atípico, com temperaturas bastante elevadas. "O tomate é sensível. Ele é colhido em etapas porque os frutos amadurecem aos poucos. Quando o clima é mais quente acelera o ciclo e a maturação é mais rápida", explicou.

A batata, segundo o Cepea, também apresenta queda desde o mês de maio e é vendida a R\$ 0,90 o quilo. O principal



Roberto Bonifácio, gestor de produtos do Delta: tomate baixou, mas pimentão e cebola elevaram custo

motivo é a oferta elevada da região de Vargem Grande do Sul (SP), onde houve aumento da área cultivada e também da produtividade. Setembro é o pico de colheita dessa região. O momento é propício também para acrescentar a cenoura no menu. No Delta Supermercados, por exemplo, ela custava R\$ 0,97 ontem. O Cepea informa que o clima tem favorecido a produção.

E a dona de casa Heloísa Dal Pogetto não perdeu a chance. Ontem ela levou pa-

ra casa cenoura e também chuchu, que também estava a R\$ 0,97 o quilo. O quiabo também foi incluído, já que a bandeja de 250 gramas estava a R\$ 2,69, pelo menos R\$ 2 mais barato que em semanas anteriores.

Heloísa conta que deixa de comprar quando há alta nos produtos. "Tem tanta coisa para substituir. E também vou atrás de outros supermercados que tenham preços melhores", avisa ela, que também leva em conta a distância e se terá de pagar estaciona-

mento ou não.

NOVOS VILÕES

Se o tomate está com preço doce, a cebola tem feito consumidores e comerciantes chorarem. Segundo o Cepea, mesmo no período de pico de colheita os preços estão altos e podem se manter assim porque houve redução de área e de produtividade em regiões ofertantes deste período. As principais são Monte Alto e São José do Rio Preto.

Roberto Bonifácio, gestor de produtos da seção hortifruti

do Delta, conta que nas últimas duas semanas o preço do saco de 20 quilos saltou de R\$ 29 para R\$ 36, um aumento de cerca de 25%, que foi repassado ao consumidor. O preço do quilo ultrapassa os R\$ 2,30. Custava R\$ 2 há três semanas.

Outros vilões são o pimentão vermelho e o amarelo, que chegaram a R\$ 12,99 o quilo. Ercilio de Andrade riscou esses produtos de sua lista, pelo menos por enquanto. "Só compro quando estão em promoção", avisa. O mesmo acontece com frequência com o tomate, a mandioquinha e a vagem, legumes que costumam ter grande oscilação de preços.

CONTROLADOS

Nos varejões municipais, que têm os preços controlados pela Sema (Secretaria Municipal de Abastecimento), entre os dias 3 e 10 deste mês, a variação foi de -23,53% na cesta básica com 37 produtos. Nos varejões, o custo dessa cesta foi R\$ 125,08, enquanto na iniciativa privada alcançou R\$ 154,50.

EQUILBRADA

Nem tão cara nem tão barata. As folhosas, segundo o Cepea, têm conseguido manter os preços em equilíbrio, já que a produção não tem enfrentado problemas. Por consequência, a oferta é alta e os preços estão relativamente baixos. Mas esse quadro pode se alterar caso haja chuvas fortes e frequentes no Estado de São Paulo. Mas com a estiagem que castiga a região, os consumidores não irão reclamar de pagar um pouco mais por elas.